

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
Coordenação do programa “Sala de professor” 2005

PROGRAMA SALA DE PROFESSOR - 2005

1. **Título do vídeo/documentário:** Roça Crua
2. **Nomes e especialidades dos três professores consultores:**
Professor(a): Maria Adailza Martins de Albuquerque Disciplina: Geografia
Professor(a): Marília Oliveira Disciplina: Português
Professor(a): José Manoel Martins Disciplina: Biologia

3. **Título do trabalho:**

Título: Roteirizando o caminho das quebradeiras de coco.

Material necessário para realização da atividade:

- a. lápis, caneta, papel, canetas com tinta a base de água, lápis de cor;
- b. computador

4. **Principais conceitos que serão trabalhados em cada disciplina:**

Disciplina 1: Geografia

Propriedade da terra
Território
Produção agropecuária
Extrativismo
Lutas sociais

Disciplina 2 : Língua Portuguesa

O gênero narrativo- Construção de Personagens

Diversidade Lingüística

Disciplina 3: Biologia

Adubação verde
Agrotóxicos
Controle biológico
Decomposição
Desenvolvimento sustentável
Propriedades do solo
Queimadas

Roça crua
Rotação de culturas

5. Principais etapas e estratégias para trabalho interdisciplinar sugerido (descrição do trabalho):

1ª Fase:

O trabalho será iniciado pelos professores de Geografia e Biologia, os quais introduzirão dois debates importantes em sala de aula a partir de textos (sugestão em anexo) sobre a “apropriação da terra no Brasil” e sobre o “desenvolvimento sustentável”. O professor de Português também trabalhará um texto sobre construção de personagens e como fazer roteiros nas diferentes linguagens em que esse pode se apresentar – verificar sugestão bibliográfica -(rádio, TV, teatro). Estas aulas podem ter um caráter expositivo, pois é importante garantir que os alunos compreendam bem os conceitos tratados e as questões postas, afinal elas serão importantes ao longo de todo o processo.

Na Biologia, a partir do texto de Marina Ceccato Mendes que trata do tema *desenvolvimento sustentável* (em anexo), o professor deve levantar questões como:

- Como se pode conceituar o que é desenvolvimento sustentável?
- Do que se trata a Agenda 21? Qual sua relação com o chamado desenvolvimento sustentável?
- Qual a diferença que o texto traz entre *crescimento* e *desenvolvimento*?
- Discutir os seis aspectos prioritários que o texto traz sobre o desenvolvimento sustentável com exemplificações de cada um desses aspectos no dia-a-dia dos alunos.
- Como a população pode participar de discussões sobre desenvolvimento sustentável para sua região?

2ª Fase :

Em um segundo momento, esses dois professores reúnem os alunos para assistir ao vídeo. Depois, dão início a um debate em torno dos temas trabalhados anteriormente em sala de aula.

Geografia:

- O professor dessa disciplina deve questionar os alunos sobre como foi tratada a questão da propriedade da terra no vídeo.

- É importante que o aluno localize em mapa político, pelo menos, a Região do rio Mearim, visto que as cidades citadas no vídeo são muito pequenas e, por isso, não aparecem em mapas do Brasil ou regionais comumente encontrados em Atlas utilizados nas escolas.
- A idéia é que os alunos conheçam, com a leitura do texto anteriormente citado, como se estabeleceu a propriedade da terra no Brasil para que possam fazer a relação com o processo de apropriação da terra no Maranhão. Neste momento é preciso mostrar-lhes como se deu a devastação do babaçual e a delimitação das terras com cercamento a partir da década de 1960 neste estado brasileiro.
- Perguntar aos alunos que tipo de atividade (extrativismo) é realizado por estas mulheres. Procurar organizar em que setor da economia esta atividade é classificada (o setor primário).
- Finalmente trazer a discussão para o que efetivamente será trabalhado: como a luta dessas mulheres, catadoras de coco de babaçu se estabeleceu, que conquistas elas tiveram em relação à propriedade da terra nos municípios em que foi instituída a “lei do babaçu livre” e em relação à preservação dessa vegetação.
- O professor deve pedir uma redação sobre esta questão que vai ajudá-los na próxima fase do trabalho e que pode ser elaborada em grupo.

Resenha do texto “*A apropriação do território no Brasil colonial*” de Maurício de Almeida Abreu (p. 197 a 245). In. “*Explorações Geográficas*”. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1997.

O livro “*Explorações Geográficas*”, organizado por um grupo de professores de Geografia do Rio de Janeiro: Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa, traz um texto que possibilita ao leitor conhecer mais de perto o processo de apropriação da terra no Brasil colonial: “*A apropriação do território no Brasil colonial*” de Maurício de Almeida Abreu (p. 197 a 245). É um texto acadêmico que pode ser utilizado pelo professor para montar uma aula mais aprofundada sobre o tema em questão.

O autor trabalha com a idéia de que as “seis marias” foram transportadas para o Brasil em um processo muito distinto daquele que foi implantado em Portugal. Apresenta, inicialmente, o contexto da expulsão dos mouros da Península Ibérica e a necessidade de ocupação das terras lusitanas diante da consolidação territorial daquele país. Tudo isto tinha como intuito evitar que outros povos invadissem e ocupassem novamente o território português. Daí adviria a necessidade de organizarem as terras que pertenciam à corte ou a nobreza (guerreira, religiosa ou real) em propriedades menores que eram cedidas à população camponesa o direito de utilizar a terra, sem que tivesse o direito de propriedade.

Esse sistema foi, então, denominado *sesmarias*, já que o *Conselho Municipal* era dividido em *sesmos*, isto é, sexta parte de um todo. “A fim de evitar injustiças nas doações e fiscalizar o cumprimento das condições legais, era indicado um homem bom (um cidadão) para cada *sesmo*, exigindo-se a sua presença ali durante um dos dias úteis da semana. Os *sesmos* ficaram conhecidos como *sesmos* de segunda-feira, de terça-feira etc. e os delegados municipais tomaram a denominação de *sesmeiros*. Por sua vez, as terras que eles concediam ficaram conhecidas como “*sesmarias*”. Vale lembrar que esse sistema foi responsável por uma forma de apropriação das terras portuguesas, o que não estabelecia a propriedade da terra para aqueles que nela produziam. Assim aqueles *sesmeiros* que não produzissem perdiam o direito de permanecer na terra, já que não eram proprietários vitalícios.

Para efetivar a ocupação territorial do Brasil esse sistema foi transportado para o nosso país, com consideráveis modificações. Quando da vinda de Martim Afonso de Souza, a carta régia que ele trazia lhe permitia fazer doações de *sesmaria*. No entanto, ele o fez de maneira distinta daquela implementada em território lusitano. Aqui, os *sesmeiros* eram proprietários

das sesmarias. Estas doações foram feitas em caráter vitalício de modo que mesmo aqueles que não produziam não perdiam o direito de propriedade da terra, isto é, o proprietário não era obrigado a cumprir a sua função social (produzir alimentos ou matérias primas).

Esse quadro geral apontado no texto é fundamental para compreendermos a estrutura fundiária atual e mostrarmos para os nossos alunos como se constituíram os latifúndios nesse país.

Biologia:

- É importante que os alunos entendam que a roça crua é feita com o intuito de recuperar o solo e que para isso não haverá queimadas nem uso de agrotóxicos. O professor deverá questionar sobre essa diferenciação ainda antes da exibição do vídeo e pedir que os alunos respondam a essa questão ao final da exibição. No que tange a essas características da roça crua, um dos vídeos indicados na *Sugestão de leituras e consultas* – o **Solo, nosso sustento** – é particularmente interessante, pois mostra como o solo é formado e quais os problemas que o afetam, entre eles o desmatamento, a erosão, a prática das queimadas e o uso de agrotóxicos.
- Os alunos terão que fazer anotações sobre quais são os três diferentes níveis a que o vídeo se refere quanto às etapas da formação de uma roça crua, também conhecida como adubação verde. Para isso, deverão estar preparados (material de anotação e noção prévia do que terão que anotar) e, no ponto em que essas informações aparecem no vídeo, é recomendável que o professor pare o mesmo e repita quantas vezes forem necessárias, a exibição do trecho.
- Após a identificação das etapas (níveis) da formação da roça crua, deve-se discutir o que cada uma delas representa em termos biológicos. Espera-se que a discussão chegue à idéia de que na primeira etapa há uma adubação através de restos de plantas de tal forma que protejam o solo da erosão, da temperatura elevada e perda de umidade, ao mesmo tempo em que, ao serem decompostas, vão enriquecendo o mesmo com minerais. Na segunda etapa, plantam-se mais plantas leguminosas, como o feijão, e também se diversificam

mais as culturas (rotação de culturas), mas sempre se depositando restos das plantas colhidas. Na terceira etapa, o solo já está mais rico e culturas mais exigentes em nutrientes, como o arroz, já poderão ser plantadas. O produto dessa discussão deverá ser registrado e pode constituir uma fonte de avaliação do processo pelo professor.

- Por último, deve-se resgatar as idéias do texto discutido inicialmente sobre desenvolvimento sustentável e comparar o que o vídeo mostra em relação à roça crua: ela pode ser considerada uma forma de desenvolvimento sustentável? Em relação aos seis aspectos considerados prioritários para o desenvolvimento sustentável pela autora, a roça crua das quebradeiras de coco satisfaz todos eles? Mais uma vez, o produto dessa discussão deve ser registrado e avaliado.
- Pode-se ressaltar também a idéia de controle biológico que aparece no vídeo. Depois de ter passado o vídeo, o professor pode dar o conceito de *controle biológico*, citando exemplos como o caso de vespas que colocam seus ovos em ovos de besouros, parasitando-os e, dessa forma, exercendo um controle sobre o número de besouros. Depois dessa apresentação, o professor deverá perguntar aos seus alunos qual o exemplo de controle de pragas que aparece no vídeo (no caso, as saúvas são “convidadas” a cortar plantas de gergelim, ao invés das plantas da roça) e perguntar se pode ser considerado um controle biológico ou não (espera-se que cheguem à conclusão de que aquilo que aparece no vídeo não controla a população de saúvas, mas consegue, de certa forma, direcionar e evitar o prejuízo que elas possam causar à plantação).

3ª Fase:

- Com o professor de Língua Portuguesa os alunos vêem o vídeo novamente para definir os principais personagens.
- É importante que os alunos percebam quem são os principais, mas se o professor achar conveniente pode ajudá-los nessa tarefa.
- Quais critérios devem ser utilizados na construção dos personagens? No livro *Quem conta um conto, volume 2 de Samir Meserani* existem bons exemplos de como se deve agir, passo a passo. Para caracterizar um personagem e contextualizá-lo é necessário conhecer sua história, procurar seus ideais, suas fantasias e suas paixões. No caso das quebradeiras de coco, há uma força e uma alegria misturada àquela vida difícil, de lutas incessantes. São realmente, personagens magníficas.

- Depois, o professor deve mostrar, de maneira prática, como se faz um roteiro. Os livros que podem ajudá-lo bastante nesse processo são:

Texto e interação de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e Do texto ao texto de Ulisses Infante. Eles trazem exemplos de roteiro e explicam o que não pode faltar na estrutura de um texto narrativo.

Mostrarei a seguir alguns exemplos de roteiro para que o professor possa perceber a diferença entre eles.

O roteiro de cinema traz técnicas específicas da linguagem cinematográfica, como *insert* (imagem breve inserida no material), *macro ou close* (seres ou objetos em tomadas muito próximas da câmera ou com lentes especiais), o *off* (o narrador fala sem estar em cena), etc. Você pode incluir uma trilha sonora, criar ou pegar alguma música emprestada.

O texto deve ser organizado em seqüências ou cenas que apresentem títulos.

Veja:

Dentro da casa de João.

João caminha até a porta onde vê os policiais. Em segundo plano vemos Maria, com um aspecto de muito cansaço.

Maria

_ Saia daí, home de Deus. É perigoso.

João

_ Pois eles que venham. Essa terra eles num pega, não.

(perceba que a fala do personagem deve caracterizar seu ambiente, sua humildade)

João seca o suor e senta no chão.

Já o roteiro de teatro não conta com a câmera. O movimento de cena do ator, as luzes, a música e o cenário são muito importantes, mas isso não quer dizer que a produção tenha que ser cara. Há muitos achados teatrais (maneiras de produzir uma peça com baixo custo), é preciso pensar em possibilidades: emprestar o figurino, pedir a ajuda de quem sabe desenhar para fazer o cenário etc.

Veja um exemplo:

Cena I

João e Maria na porta de sua casa

João (muito sério) Que bando de sem-vergonhas, parecem urubus olhando as nossas terras.

Maria (com medo) Saia daí home, é perigoso.

João (com cara de coragem) Pois eles que venham. Essa terra eles num pegam, não.

...

Cena II

As crianças – Zinho e Lita brincam com as pedras

Zinho (cansado) Vamo 'mbora. Tô com fome.

Lita (paciente) A mãe falou pra esperar.

Se, por acaso, a opção feita for por um programa de rádio, lembre-se de que o roteiro deve trazer uma narração mais detalhada, pois o ouvinte pode ficar perdido se lhe faltarem detalhes importantes.

Tudo deve ser narrado e, em tempo, procure um bom sonoplasta, pois saber imitar sons é essencial no rádio.

Veja:

Agora com vocês a novela Roça Crua!

João olha assustado os policiais chegando (barulho de cavalos se aproximando- ao longe um cachorro late)

(João) Lá vem os polícia. Tão querendo tirá a terra da gente!

(Maria, chorando) Nós num vamo dexa não, né home, por Deus!

De repente, um barulho os assustou (uma pedra quebra o vidro da janela)

(Maria) O que é isso???

(João- nervoso) Agora eles me pagam!

Como vocês podem ver, há várias possibilidades. Se você optar por fazer um jornal, lembre-se de que deve, neste caso, prevalecer a linguagem referencial e objetiva. O jornalista deve contar a história das quebradeiras de coco de maneira informativa. Se quiser um exemplo, assista a algum jornal de alguma rede de TV; há alguns bons exemplos.

4ª Fase

- Elaborar os sub-produtos do roteiro (Veja os exemplos anteriores)
- Compreendemos que nem todas as escolas possuem recursos como filmadora, computadores, etc, Por isto resolvemos sugerir vários subprodutos para que o professor possa fazê-lo de acordo com as condições oferecidas pela escola onde trabalha.

- A partir do roteiro pronto é possível montar um *site*, elaborar um programa de rádio, uma peça de teatro, um programa no vídeo, ou um telejornal.

6. **Quais as etapas (lista resumida) desse trabalho?**

- A Leitura de textos
- B Exibe-se o vídeo
- C Iniciam-se os trabalhos de roteirização
- D Elaboram-se os sub-produtos do roteiro

7. **Como vocês avaliariam esse trabalho?**

O trabalho será avaliado em todo o processo; o professor poderá fazer uma estrutura de avaliação baseada em quatro pontos: na participação e desempenho dos alunos ao longo de todo o trabalho, na qualidade dos textos (redação) da primeira fase, qualidade do roteiro e qualidade dos sub-produtos.

Todos esses quatro pontos da avaliação deverão ser pautados em objetivos claramente especificados pelo professor antes de cada etapa das atividades. Dessa forma, o aluno poderá saber quais objetivos alcançou plenamente, parcialmente ou mesmo aqueles que não conseguiu alcançar. Aqueles que não atingirem seus objetivos deverão ter uma oportunidade para refazer o trabalho. Um exemplo de planilha para a verificação desses objetivos pode ser a seguinte:

Objetivos	Não atingiu	Atingiu parcialmente	Atingiu plenamente
1. Caracterização dos personagens			
2. Estrutura do roteiro			
3. Adequação da Linguagem			

Ao final, caso o professor queira converter essa planilha em termos quantitativos, pode fazer isso se levando em conta uma pontuação de dois para os objetivos plenamente atingidos, um para os objetivos atingidos parcialmente e 0 para os objetivos não alcançados. Depois, uma regra de três resolve a pontuação final, por exemplo, se forem 10 objetivos, o aluno que atingir todos plenamente deverá ter 20 pontos (equivale a nota 10,0); o aluno que atingir 7 objetivos plenamente e 3 parcialmente somará 17 pontos, equivalendo assim a uma nota 8,5.

8. **Em qual ano ou anos do Ensino Médio seria melhor aplicar esse trabalho? Por quê?**

Esse trabalho pode ser aplicado aos alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio, pois os temas sugeridos compõem o conteúdo programático dessas séries.

9. **Sugestões de leituras e consultas:**

9.1. **Livros e periódicos:**

Desenvolvimento sustentável:

As indicações a seguir tratam dos itens agricultura e desenvolvimento sustentável. Caso o professor julgue necessário um maior aprofundamento teórico sobre o assunto, poderá consultar uma delas. O número elevado de indicações é justamente para poder propiciar ao professor maior possibilidade de escolha de acordo com as disponibilidades de material.

ALMEIDA, Jalcione & NAVARRO, Zander (org). **Reconstruindo a agricultura. Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. 2ª ed. Porto Alegre, Universidade Federal do RGS, 1998.

BECKER, Dinizar Fermiano (org). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul/RS, Edunisc, 1999.

BURSZTYN, Marcel (org). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1993.

CAVALCANTI, C. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian (coord). **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1992.

HOGAN, Daniel Joseph & VIEIRA, Paulo Freire (org). **Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável**. 2ª ed.. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar. Pensando o ambiente humano.** Belo Horizonte, Rona Editora, 1998.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura.** São Paulo, Annablume/FAPESP, 1998.

ROSA, Antonio Vitor. **Agricultura e meio ambiente.** São Paulo, Atual, 1998.

RÜEGG, Elza Flores e outros. **Impacto dos agrotóxicos sobre o ambiente, a saúde e a sociedade.** São Paulo, Ícone Editora, 1991.

SATO, M.; SANTOS, J. E. **Agenda 21 em sinopse.** São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, 1996.

VEIGA, José Eli da . **A face rural do desenvolvimento. Natureza, território e agricultura.** Porto Alegre, Universidade Federal do RS, 2.000.

Construção dos personagens e estrutura narrativa (roteiros)

MESERANI, Samir. **Quem conta um conto.** São Paulo, Atual Editora, 1989. (neste livro o aluno pode acompanhar, passo a passo a construção de personagens e sua ação na narrativa, numa linguagem clara e objetiva)

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto.** Curso de redação. São Paulo, Editora Scipione, 1998. (Do texto ao texto traz uma variedade de gêneros lingüísticos e literários e consegue ampliar o universo criativo do leitor)

CAMPEDELLI, Samira Youssef & SOUZA, Jesus Barbosa. **Produção de textos & Uso da linguagem** –Curso de Redação. São Paulo, Editora Saraiva, 1999. (Este livro ensina tudo sobre o texto narrativo, sobre as funções da linguagem e ajuda a perceber a diversidade lingüística existente no Brasil).

CEREJA, William Roberto & MAGALHAES, Thereza Cochar. **Texto e interação, uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos.** São Paulo, Atual Editora, 2000. (Cereja e Cochar mostram vários tipos de gêneros- postais, cartas, receitas, relatórios,

depoimentos, roteiros de teatro e de cinema, poemas, debates e textos argumentativos- muito úteis ao trabalho sugerido)

INFANTE, Ulisses. **Curso de Gramática aplicada aos textos**. São Paulo, Editora Scipione, 2001. (Considero importante consultar uma gramática sempre que surgirem problemas de ortografia, acentuação, pontuação e tantos outros muito freqüentes).

Geografia

CASTRO, Iná Elias de\ (Org.) explorações geográficas. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1997.

DIEGUES, Antonio Calos. O mito Moderno da Natureza intocada. 3ª ed. São Paulo, Hucitec, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os descaminhos do meio ambiente. São Paulo, Contexto, 2002.

MENDONÇA, Francisco. Geografia e o meio ambiente. São Paulo, Contexto, 1998.

RIBEIRO, Wagner Costa. (Org.) Patrimônio Ambiental Brasileiro. São Paulo, Eusp/Imprensa Oficial, 2003.

WALDEMAR, Maurício. Ecologia e lutas sociais no Brasil. São Paulo, Contexto, 1998.

9.2. [Páginas da Rede \(internet\)](#) que podem ser consultadas pelos professores e estudantes para complementar esse trabalho.

Desenvolvimento sustentável:

http://www.economiabr.net/economia/3_desenvolvimento_sustentavel_conceito.html

<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/agenda21/desenvs/index.htm>

<http://www.ultimaarcadenoe.com/desenvolvimento.htm>

<http://www.intelecto.net/cidadania/meio-5.html>

<http://www.cnpq.br/mamiraua/>

http://www.unilivre.org.br/banco_de_dados/textos.htm

Narrativas, roteiros e personagens (sites onde você pode encontrar exemplos de roteiros, explicações, imagens e experiências que deram certo; vale a pena dar uma conferida)

<http://www.oportfolio.com>

http://www.scrip_o_rama.com
<http://www.textovivo.com.br>
<http://www.eca.usp.br/narrativas>
<http://www.projetojuventude.org.br>

- 9.3. **Outros documentários sugeridos.** (Os professores podem fazer uso do grande acervo de documentários da TV Escola para indicar material visual relacionado com esse. Lembrem-se que muitas escolas têm videotecas e podem ter gravado o material sugerido nessa seção. Para verem sinopses, títulos e tempos de duração dos documentários vocês devem acessar:

http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Guia/pdf96-02/23_como_fazer.pdf
para o guia dos documentário exibidos na TV Escola, no “Como Fazer?”
ou,

http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Guia/pdf96-02/22_acervo.pdf
para os programas “Acervo”.

Para acesso ao guia de programas como um todo ver:

<http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=116&Itemid=251>

Desenvolvimento sustentável:

Vídeos:

Solo, nosso sustento: TVEscola: série Meio Ambiente e Cidadania - tempo 10'23''

Agenda 21 – A utopia concreta. Parte I – Ronaldo Duque e associados – tempo: 26'04''; **Parte II** – FGV/CIDS – tempo: 25'15''

TEXTOS EM ANEXO:

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Você já parou para pensar no que significa a palavra "progresso"? Pois então pense: estradas, indústrias, usinas, cidades, máquinas e muitas outras coisas que ainda estão por vir e que não conseguimos nem ao menos imaginar. Algumas partes desse processo todo são muito boas, pois melhoram a qualidade de vida dos seres humanos de uma forma ou de outra, como no transporte, comunicação, saúde, etc. Mas agora pense só: será que tudo isso de

bom não tem nenhum preço? Será que para ter toda essa facilidade de vida nós, humanos, não pagamos nada?

Você já ouviu alguém dizer que para tudo na vida existe um preço? Pois é, nesse caso não é diferente. O progresso, da forma como vem sendo feito, tem acabado com o ambiente ou, em outras palavras, destruído o planeta Terra e a Natureza. Um estudioso do assunto disse uma vez que é mais difícil o mundo acabar devido a uma guerra nuclear ou a uma invasão extraterrestre (ou uma outra catástrofe qualquer) do que acabar pela destruição que nós, humanos, estamos provocando em nosso planeta. Você acha que isso tudo é um exagero? Então vamos trocar algumas idéias.

E o Desenvolvimento Sustentável?

O atual modelo de crescimento econômico gerou enormes desequilíbrios; se, por um lado, nunca houve tanta riqueza e fartura no mundo, por outro lado, a miséria, a degradação ambiental e a poluição aumentam dia-a-dia. Diante desta constatação, surge a idéia do Desenvolvimento Sustentável (DS), buscando conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e, ainda, ao fim da pobreza no mundo.

As pessoas que trabalharam na *Agenda 21* escreveram a seguinte frase: "A humanidade de hoje tem a habilidade de desenvolver-se de uma forma sustentável, entretanto é preciso garantir as necessidades do presente sem comprometer as habilidades das futuras gerações em encontrar suas próprias necessidades". Ficou confuso com tudo isso? Então calma, vamos por partes. Essa frase toda pode ser resumida em poucas e simples palavras: desenvolver em harmonia com as limitações ecológicas do planeta, ou seja, sem destruir o ambiente, para que as gerações futuras tenham a chance de existir e viver bem, de acordo com as suas necessidades (melhoria da qualidade de vida e das condições de sobrevivência). Será que dá para fazer isso? Será que é possível conciliar tanto progresso e tecnologia com um ambiente saudável?

Acredita-se que isso tudo seja possível, e é exatamente o que propõem os estudiosos em Desenvolvimento Sustentável (**DS**), que pode ser definido como: "equilíbrio entre tecnologia e ambiente, relevando-se os diversos grupos sociais de uma nação e também dos diferentes países na busca da equidade e justiça social".

Para alcançarmos o **DS**, a proteção do ambiente tem que ser entendida como parte integrante do processo de desenvolvimento e não pode ser considerada isoladamente; é aqui que entra uma questão sobre a qual talvez você nunca

tenha pensado: qual a diferença entre *crescimento* e *desenvolvimento*? A diferença é que o *crescimento* não conduz automaticamente à igualdade nem à justiça sociais, pois não leva em consideração nenhum outro aspecto da qualidade de vida a não ser o acúmulo de riquezas, que se faz nas mãos apenas de alguns indivíduos da população. O *desenvolvimento*, por sua vez, preocupa-se com a geração de riquezas sim, mas tem o objetivo de distribuí-las, de melhorar a qualidade de vida de toda a população, levando em consideração, portanto, a qualidade ambiental do planeta.

O **DS** tem seis aspectos prioritários que devem ser entendidos como metas:

- A satisfação das necessidades básicas da população (educação, alimentação, saúde, lazer, etc);
- A solidariedade para com as gerações futuras (preservar o ambiente de modo que elas tenham chance de viver);
- A participação da população envolvida (todos devem se conscientizar da necessidade de conservar o ambiente e fazer cada um a parte que lhe cabe para tal);
- A preservação dos recursos naturais (água, oxigênio, etc);
- A elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas (erradicação da miséria, do preconceito e do massacre de populações oprimidas, como por exemplo os índios);
- A efetivação dos programas educativos.

Na tentativa de chegar ao **DS**, sabemos que a Educação Ambiental é parte vital e indispensável, pois é a maneira mais direta e funcional de se atingir pelo menos uma de suas metas: a participação da população.

(Fonte: Marina Ceccato Mendes, no site:
http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt2.html)